



EDUCAÇÃO E MILITÂNCIA PARA A GARANTIA DOS DIREITOS DAS MULHERES NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES/AS

Education and Militancy to Guarantee the Rights of Women in Teacher Education

Graziela Rinaldi da Rosa

Resumo

A superação dos problemas de gênero é possível quando as pessoas se dão conta, falam e denunciam as "suas amarras". Nesse sentido, possibilitar momentos de socialização de problemas de gênero que as mulheres enfrentam em seu cotidiano é fundamental para lutar por melhores condições de vida. Para diagnosticar demandas e dar vozes às mulheres do campo e da cidade de São Lourenço do Sul foram realizadas atividades onde as mulheres do campo e da cidade de São Lourenço do Sul/RS puderam se conhecer, perceber suas semelhanças e diferenças, fortalecendo assim as suas identidades, e se empoderando num movimento dialógico. As metodologias utilizadas foram painéis, oficinas, rodas de conversas e cine-fórum, voltados para questões de direitos humanos e direitos das mulheres: violência contra as mulheres; movimentos de mulheres do campo; Mulheres e Educação. As ações que iremos apresentar nesse relato de experiência são oriundas da necessidade de se conhecer e "dar vozes" as diversas mulheres do campo e da cidade de São Lourenço do Sul/RS (Pomeranas, Quilombolas, Mulheres do Movimento Negro, Indígenas, Pescadoras, entre outras). Os encontros foram realizados em forma de rodas de conversas e possibilitaram uma vivência e compartilhamento dessa diversidade ainda não vivenciado pelas envolvidas.

Palavras-chave: Mulheres. Relações de Gênero. Militância e Educação.

Abstract

Overcoming the gender problems is possible when people realize, talk and denounce "his bonds." In this sense, allowing moments of socialization of gender issues that women face in their daily lives is essential to fight for better living conditions. To diagnose demands and give voice to the women of the countryside and the city of São Lourenço do Sul were carried out activities where rural women and the city of São Lourenço do Sul / RS were able to know, understand their similarities and differences, thus strengthening their identities, and empowering a dialogical movement. The methodologies used were panels, workshops, conversations wheels and cine-forum, focused on human rights issues and women's rights: violence against women; women's movements of the field; Women and Education. The

actions that we will present this experience report come from the need to know and "give voice" the various women in the countryside and the city of São Lourenço do Sul / RS (Pomeranas, Quilombo, Women of the Black Movement, Indigenous, Fisherwomen, among others). The meetings were held in the form of wheels conversations and enabled an experience and sharing this diversity not yet experienced by involved.

Keywords: Women. Gender Relations. Advocacy and Education.

Considerações Iniciais

A Educação popular numa perspectiva latino-americana estrutura-se na busca pela superação de práticas educacionais e sociais que reforçam as desigualdades e as práticas excludentes. O pensamento das mulheres, suas histórias de vida e seu papel na história ainda estão situados no *não visto, não estudado e não citado* na universidade, e na formação de professores e professoras. Nesse sentido, como empoderar as mulheres frente ao seu ocultamento no pensamento pedagógico diante de seu silenciamento histórico?

Acredita-se que podemos empoderar as mulheres com base na Filosofia de Educação Latino-americana e na Educação Popular, dialogando sobre seus papéis de sujeitos políticos. É preciso “modelar o currículo”¹, e (re) modelar implica contribuir para os direitos das mulheres através da Educação, visto que “um currículo busca precisamente modificar as pessoas que vão seguir esse currículo”².

A emergência de uma imersão no pensamento Latino-americano contribui para investigar e problematizar os temas que vem sendo privilegiados em salas de aulas e fazer a crítica às constantes tentativas de adequar teorias distantes das nossas realidades, bem como filosofias educacionais eurocêntricas, androcêntricas e excludentes, que não consideram o pensamento de mulheres.

As teorias que tem como uma de suas principais preocupações a emancipação intelectual de nossos povos; a crítica contra a exploração que é feita em nosso território e também com os corpos de nossos habitantes são emergentes e precisam estar presentes em sala de aula. Nossas aulas estão “encharcadas” de falas androcêntricas e eurocêntricas, servindo à “cultura do silêncio” e às opressões existentes. Sendo “a opressão um fenômeno concreto, histórico, existencial, vivencial, vivido na concretude da carne, do corpo dilacerado

¹ SACRISTAN, Gimeno J. *O Currículo: Uma reflexão sobre a prática*. 3 ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 2000.

² SILVA, Tomaz Tadeu. *Documentos de identidade: Uma introdução às teorias do currículo*. Belo Horizonte: Autêntica, 2001, p. 14.

das grandes maiorias excluídas da mesa do pão, do diálogo, da alegria, da vida [...]”³ precisamos de teorias e práticas que contribua na efetivação de uma educação que visa aumentar a democracia através da participação educacional popular.

Trazer à tona a opressão, o silenciamento e ocultamento históricos das mulheres faz parte de um plano de educação que pensa a educação como uma formação para a cidadania e para a conscientização de sujeitos alienados e esquecidos em uma sociedade marcada pela desigualdade social, o individualismo e a ganância humana. Trata-se de uma educação com o “não ser”⁴. Nesse movimento de visibilizar as histórias de vida e as práticas de mulheres do campo é que outras práticas educativas e escolares foram pensadas a partir de referenciais feministas.

Sobre “as margens” e o porquê olhar para os estudos feministas

O fortalecimento e a valorização da produção intelectual de mulheres passa pela formação de docentes, que sejam também sujeitos que se permitam criar e pesquisar. Nesse sentido, o diálogo entre a Universidade e a Educação Básica tem trazido significativas contribuições na formação docente e para a efetivação de uma escola democrática e cidadã, mas ainda é preciso ampliar esse debate com os pés nas escolas e em diálogos com os movimentos sociais feministas.

A educação tem um importante papel na formação crítica e contextualizada, visando o exercício filosófico e a sistematização de práticas docentes que contribuam para a emancipação⁵, valorização e “superação da realidade injusta”⁶. Para que o conhecimento

³ ANDREOLA, Balduino Antonio. Interdisciplinaridade na obra de Freire: Uma pedagogia da simbiogênese e da solidariedade. In: STRECK et al (Orgs.). *Paulo Freire: ética, utopia e educação*. Rio de Janeiro: Vozes, 1999. p. 79.

⁴ Ver sobre “América Latina e o não ser” em ZIMMERMANN, Roque. *América Latina e o não ser: Uma abordagem filosófica a partir de Enrique Dussel (1962-1976)*. São Paulo: 1986.

⁵ A emancipação aqui é compreendida a partir de Freire (FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa*. 25. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002; _____. *Pedagogia do oprimido*. 13 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987; _____. *A Educação na cidade*. São Paulo: Cortez, 2006.) e Josso (JOSSO, Marie-Christine. As figuras de ligação nos relatos de formação: ligações formadoras, deformadoras e transformadoras. In: *Educação e Pesquisa*, vol. 32, no. 2, p. 373-383, 2006.) como momentos de lutas e conquistas. Neste sentido, considera que Freire pensa processos emancipatórios que se consolidam de forma coletiva e não individual.

⁶ Fortalecendo a importância de leis e práticas que vem sendo realizadas, como por exemplo, a implementação da lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, incluindo no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira”, obrigando o estudo da História da África e dos Africanos, o conhecimento das lutas dos negros no Brasil, o conhecimento da cultura negra brasileira e do negro na formação da sociedade nacional, resgatando a contribuição do povo negro nas áreas social, econômica e política pertinentes à História do Brasil (Capítulo I). Com a Lei nº 11.645, de 10 de março de 2008, que visa incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática

seja significativo e emancipatório para as mulheres, e contribua na garantia de direitos e políticas públicas para as mulheres é preciso ler mais as mulheres, conhecer o que elas têm realizado historicamente em diferentes áreas do conhecimento.

Os saberes devem se relacionar com a realidade de vida das mulheres, a fim de contribuir para soluções de problemas sociais. É preciso empoderar futuros/as docentes com as ideias de pensadores/as latino-americanos/as e possibilitar assim o diálogo com as margens. É emergente que o pensamento feminista faça parte do cotidiano de nossas salas de aulas. Nesse sentido, criar eventos de cunho feminista na Universidade, realizar rodas de conversa, cine fórum, palestras, debates e outras atividades que abordem a condição de vida das mulheres e as relações de gênero nos faz olhar para as margens e pensar as mulheres como sujeito de direito.

[...] la educación habrá de constituirse en una relación dialógica, activa y creadora, educación en la confianza y libertad. Definir la educación tanto formal como informal es encaminar los esfuerzos en la conformación de las generaciones futuras profundizando en el conocimiento de la dignidad humana, respetando las individualidades y promoviendo el sentido comunitario⁷.

Não há como educar sem problematizar os estudos de gênero e os estudos feministas⁸. Mas, por que ainda temos poucos grupos de pesquisas de cunho feminista em nossas universidades? Por que nossos projetos não contemplam a categoria de gênero? Por que ainda não olhamos para as mulheres e pesquisamos pouco acerca de seus problemas? Os (as) professores/as e pesquisadores/as percebem essa exclusão das mulheres em diferentes áreas do conhecimento? Estamos criticando ou abolindo a forma androcêntrica com que trabalhamos? Valorizamos o pensamento das mulheres, suas obras e saberes?

“História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena” há um campo fértil para aplicações de pesquisas, já que os conteúdos programáticos devem incluir aspectos da história e cultura que caracterizam a formação da população brasileira, a partir de dois grupos étnicos (não mais apenas dos negros), mas também dos povos indígenas, resgatando as suas contribuições nas áreas social, econômica e política, pertinentes à história do Brasil. Realizando diálogos entre: direitos humanos e educação, e de estudos de gênero com viés étnico na Filosofia da Educação pode-se contribuir tanto para a formação de estudantes dos cursos de licenciaturas, quanto para a prática emancipadora na educação básica.

⁷ ANAYA, Mario Magallón. *Filosofía de la educación latinoamericana*. In: LÓPEZ, H. G. A. (Org.). *Filosofía de la Educación Hacia una Pedagogía para América Latina*. México: Universidad Nacional Autónoma de México, 1993, p. 75-84. p. 81.

⁸ A título de exemplo de trabalhos nessa perspectiva, destaco o projeto da Universidade de Lisboa: “Filosofia no Feminino”. Ver: FERREIRA, Maria Luísa Ribeiro (Org.). *Pensar no Feminino*. Lisboa: Edições Colibri, 2001; e _____. *O que os Filósofos pensam das mulheres*. Lisboa: Edições Colibri, 1998.

Leopoldo Zea⁹ questionou: “¿existe un conjunto de ideas y temas a desarrollar propios de la circunstancia americana? O bien, ¿habrá que inventar estas ideas?”. A educação precisa, acima de tudo, estar preocupada com a construção e o fortalecimento intelectual de um povo, que, mesmo carente de bens materiais, vivendo em meio a tanta desigualdade, fome, corrupção, desemprego e violência, pensa e tem criatividade para articular ideias em busca de um mundo melhor. Daí ser urgente “colocar em cena” pensadores (as) latino-americanos (as) que se encontram às margens, e que foram empurrados/as para as margens a partir de um colonialismo cultural.

Examinar as práticas docentes e as teorias educacionais e pedagógicas, bem como os fenômenos sociais e culturais de uma sociedade colonizada, dependente, marginalizante e paternalista, que sufoca, exclui e silencia é o mínimo que podemos fazer na educação em países em desenvolvimento. Não se pode negar as mulheres, e para tanto é preciso dialogar com sujeitos de movimentos sociais, professores/as em exercício e em formação que sentem na pele as “veias abertas da América Latina”¹⁰.

Por ser um dos objetivos da educação básica preparar seres humanos para se tornarem cidadãos e cidadãs, em uma sociedade com tantos problemas sociais, um caminho possível é o do diálogo com professores/as e, a partir da construção de referenciais teórico-metodológicos que dialoguem com a realidade desses sujeitos.

Una filosofía educativa que sólo reflexionara sobre el proceso educativo se quedaría muy corta en relación con las demandas que expresa nuestra realidad. La educación debería colaborar a la construcción de la utopía de la liberación, un sueño diurno acaraciado durante centurias por nuestras mayorías y por intelectuales comprometidos con nuestros intereses¹¹.

Pensar a partir de um contexto e de uma realidade própria é tornar significativo o papel da educação formal e informal. Por esse enfoque, “a educação popular passa a ser uma ‘porta’ para as margens e uma espécie de metapedagogia que abriga essas diferenças, tendo como desafio manter, na expressão cara a Paulo Freire, a unidade na diversidade”¹²,

⁹ ZEA, Leopoldo. *A Filosofia Americana como filosofia*. Tradução de Werner Altmann. São Paulo: Pensieri Consultoria e Edições, 1994.

¹⁰ Fazendo referência ao livro de Eduardo Galeano: “As veias abertas da América Latina”. GALEANO, Eduardo. *As veias abertas da América Latina*. São Paulo: Paz e Terra, 1979.

¹¹ GULDBERG, H. C. Filosofía latinoamericana de la educación. In: LÓPEZ, H. G. A. (Org.). *Filosofía de la Educación Hacia una Pedagogía para América Latina*. México: Universidad Nacional Autónoma de México, 1993, p. 29-44., p. 44.

¹² STRECK, Danilo R. Entre emancipação e regulação: (des) encontros entre educação popular e movimentos sociais. In: *Revista Brasileira de Educação*. vol. 15, no. 44. Rio de Janeiro: Autores associados. ANPED, 2010, p. 300-310. p. 306.

sendo o diálogo considerado “suporte político-epistemológico a partir do que se dá a investigação comprometida com os destinos da humanidade”.¹³ Nesse sentido a Educação Popular em diálogo com as teorias feministas, pode apontar novos rumos para a educação que visa uma emancipação¹⁴ de sujeitos. E é preciso buscar nas margens e nos referenciais teóricos da educação popular formas de pensar a educação frente aos diferentes problemas sociais, objetivando um fazer pedagógico que visa à construção de uma escola crítica, participativa e cidadã, que contribui na superação das opressões históricas.

A “pesquisa participante¹⁵”, bem como a pesquisa ação serve de bases epistemológicas, axiológicas e antropológicas para a transformação da realidade concreta, acreditando que “o ato humano não está separado da prática”; e que “o objetivo último da pesquisa é a transformação da realidade social e o melhoramento da vida dos sujeitos imersos nessa realidade”¹⁶. Assim, acredita-se que a tarefa fundamental da pesquisa em educação, no contexto Latino-americano é contribuir para a problematização da realidade social em nossos países em desenvolvimento e suas implicações no processo educativo.

Para tanto, o envolvimento de estudantes de licenciaturas será alcançado por um enfoque *crítico-dialético*¹⁷, promovendo a reflexão sobre a realidade educacional brasileira e concepções de educação para América Latina. Marie-Christine Josso¹⁸ acredita que para “que uma experiência seja considerada formadora, é necessário falar sob o ângulo da aprendizagem; em outras palavras, essa experiência simboliza atitudes, comportamentos, pensamentos, saber-fazer, sentimentos que caracterizam uma subjetividade e identidades”.

¹³ GHIGGI, Gomercindo. A cultura da investigação científica: dos modelos dogmáticos à importância política e epistemológica da proposta dialógica de Paulo Freire. In: ANDREOLA, B. A. et al. *Educação, Cultura e Resistência: Uma abordagem terceiro-mundista*. Santa Maria: Ed. Pallotti/ITEPA/EST, 2002, p. 13-41. p. 20.

¹⁴ Sobre o conceito “Emancipação” ver: MOREIRA, Carlos Eduardo. Emancipação. In: STRECK, Danilo R.; REDIN, Euclides; ZITKOSKI, Jaime José. *Dicionário Paulo Freire*. Belo Horizonte: Autêntica, 2008. p. 163-164.

¹⁵ Importantes leituras sobre o tema são: BRANDÃO, Carlos Rodrigues, STRECK, Danilo R. *Pesquisa Participante: o saber da partilha*. Aparecida: Ideias e Letras, 2006; _____. *A pergunta a várias mãos – A experiência da pesquisa no trabalho do educador. Saber com o Outro*. São Paulo: Editora Cortez, 2003; _____. (Org.). *Pesquisa participante*. São Paulo: Brasiliense, 1981. Nessas obras o autor fala sobre **A pergunta a várias mãos**, A experiência da pesquisa no trabalho do educador, o Saber com o Outro e Pesquisa participante.

¹⁶ GAMBOA, Silvio Sánchez. *Pesquisa em Educação: métodos e epistemologias*. Chapecó: Argos, 2008., p. 29.

¹⁷ Conforme Habermas (HABERMAS, J. *Conhecimento e Interesse*. Rio de Janeiro: ZAHAR, 1982.) e Silvio Sánchez Gamboa (GAMBOA, Silvio Sánchez. *Epistemologia da pesquisa em educação*. Tese (Doutorado em Educação). Campinas: Unicamp, 1987; GAMBOA, Silvio Sánchez. A dialética na Pesquisa em Educação: elementos de contexto. In: FAZENDA, I. (Org.). *Metodologia da Pesquisa Educacional*. São Paulo: Cortez, 1989.) o enfoque *crítico-dialético* busca compreender os processos de transformação visando a mudança. O conhecimento tem sentido quando transforma e denuncia as alienações, opressões, exclusões, libertando os sujeitos de práticas não emancipatórias.

¹⁸ JOSSO, Marie-Christine. *Experiências de vida e formação*. São Paulo: Cortez, 2004. p. 48.

A construção de práticas inspiradas na educação progressista¹⁹ e nos “círculos de cultura²⁰” descritos por Paulo Freire enfatiza o respeito, já que ninguém ocupa um lugar proeminente, em que “o diálogo deixa de ser uma simples metodologia ou uma técnica de ação grupal e passa a ser a própria diretriz...”²¹. A pesquisa participante contribui na busca por desconstruir os paradigmas eurocêntricos e excludentes. Pensa-se contribuir na construção de um pensamento latino-americano e que poderá colaborar num diálogo frutuoso entre pensadores/as de diferentes Instituições de ensino superior da América Latina, levando em conta às margens, desafio que é filosófico e educacional.

A experiência do I Seminário das Mulheres do Campo e da Cidade de São Lourenço do Sul/RS-Brasil

A realização de um Seminário sobre/com mulheres tão diferentes e moradoras de uma mesma cidade, localizada no interior do Rio Grande do Sul/Brasil provocou uma grande mobilização de mulheres e frutíferos diálogos. O I Seminário sobre Mulheres do Campo e da Cidade de São Lourenço do Sul surgiu da necessidade local de se pensar políticas públicas para mulheres no âmbito local, e ainda valorizar, dar vozes as mulheres, discutindo questões relativas à saúde, direitos, violência contra as mulheres, trabalho, sexualidade, educação e outras questões. Buscou-se pensar a diversidade feminina presente no município e as especificidades de mulheres e de grupos de mulheres, bem como conhecer seu modo de vida, seu trabalho e seus desejos. Um amplo debate com a comunidade acadêmica e a comunidade Lourenciana foi realizado.

Buscou-se discutir com a comunidade acadêmica e em geral, questões relacionadas à mulher do campo e da cidade de São Lourenço do Sul. Como parte da proposta foi realizada diferentes atividades: Painéis, Rodas de Conversa, Atividades artísticas e culturais, Atendimento na Sala do Empreendedor, Atendimento Banco do Povo, Mostra fotográfica, Feira de Artesanato, Exposição do Projeto Plantas Medicinais, Cine-Fórum, Biblioteca Livre Do Redução de Danos, Exposição de Trabalhos das mulheres do município, mostra de Vinil e

¹⁹ Ler: TEIXEIRA, Anísio. *Educação Progressiva: Uma introdução à Filosofia da Educação*. São Paulo: Ed. Nacional, 1954. O educador tem importantes contribuições para a Educação brasileira.

²⁰ Sobre os círculos de cultura, ver: BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *Círculos de Cultura*. In: STRECK, Danilo R.; REDIN, Euclides; ZITKOSKI, Jaime José. *Dicionário Paulo Freire*. Belo Horizonte: Autêntica, 2008. p. 76-78.

²¹ BRANDÃO, 2008, p. 77.

discotecagem de artistas mulheres; e foram realizadas oficinas, como a oficina de Turbantes, oficina de Plantas Medicinais, oficina do Teatro do Oprimido na Comunidade²².

O objetivo geral foi proporcionar um amplo debate com a comunidade acadêmica e comunidade Lourenciana sobre questões relacionadas às mulheres. Além disso, visou contribuir para indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão sobre o tema de Gênero e estudos de mulheres do campo; contribuir especialmente com impacto na formação do/a estudante e na geração de novos conhecimentos acerca dos estudos de gênero, numa perspectiva feminista; buscou-se possibilitar a relação entre Universidade e Sociedade, contribuindo para discussões que tenham impacto social e contribuam para o conhecimento da vida e história das mulheres, bem como implementação de políticas públicas para mulheres do Município de São Lourenço do Sul (nível local).



IMAGEM I: Discussão com a comunidade acadêmica e comunidade em geral sobre questões relacionadas à mulher do campo e da cidade de São Lourenço do Sul.

No I Seminário das Mulheres do Campo e da Cidade de São Lourenço do Sul foi trabalhada a lei Maria da Penha, falou-se sobre os direitos das mulheres, funcionamento da

²² Grupo de Teatro da Universidade Federal de Pelotas-RS. O Teatro do Oprimido é uma proposta de atividade artística e cultural que reúne Jogos e Técnicas Teatrais elaboradas pelo teatrólogo brasileiro Augusto Boal. Os seus principais objetivos são a democratização dos meios de produção teatrais com o acesso das camadas sociais menos favorecidas e a transformação da realidade através do diálogo e do teatro, inspirado na Pedagogia do Oprimido de Paulo Freire. A proposta de Boal para o Teatro-Fórum, uma das técnicas ou modalidades do Teatro do Oprimido que trabalhamos na oficina, é simples: o grupo apresenta uma cena (pré-definida e ensaiada pelos atores) em que um ou mais personagens sofre uma situação de opressão. O público assiste. O grupo, então, torna a apresentar a cena, mas, desta vez, qualquer pessoa da plateia tem o poder de interromper a ação e assumir o papel do personagem oprimido, mostrando de que maneira, na sua opinião, ele deveria agir para sair da situação de opressão – para isso, o “espect-ator” só tem que erguer o braço e dizer em voz alta a palavra “para” e a seguir tomar o lugar do personagem. A Estética do Oprimido mostra a opressão através de um teatro que desvela o preconceito, a injustiça em uma proposta de emancipação dos sujeitos através da cena teatral que permite que qualquer pessoa que atue reflita sobre o que lhe aprisiona, expressando sua opressão. As pessoas neste contexto, podem dizer sua palavra, expressá-la de corpo inteiro, primeiro caminho para a tomada de consciência em busca da libertação.

Delegacia em São Lourenço do Sul, Casas de acolhida, telefones úteis em caso de emergência, vários tipos de violência (psíquica, corporal, moral, entre outras), a mulher do campo e a violência silenciada; a saúde das mulheres do campo e da cidade de São Lourenço do Sul; foi debatido sobre mulheres em movimento; mulheres e as associações; mulheres na Política.

No painel 'Mulheres em movimento (imagem 1)²³' foi problematizado o fato das mulheres, que por sua natureza, movimentam-se sempre tentando organizar e reorganizar a família em busca de seus sonhos e objetivos. Foi um painel formado por diferentes mulheres com atuação em diversas áreas serviram de motivação e incentivo as outras mulheres que se perceberam participantes e atuantes; perceberam que podiam e deveriam atuar mais nesta sociedade machista que as considera seres frágeis. Descobriram-se semelhantes, capazes e valorizadas.

No Painel sobre saúde da mulher do campo e da cidade de São Lourenço do Sul tivemos como convidada e um convidado: Georgina Élide Matias (coordenadora municipal da política Saúde da Mulher) e Diego Elias (coordenador municipal da política de Educação Permanente em Saúde); na mediação contamos Gabriel Gularte da Silva (terapeuta ocupacional, redutor de danos). Dialogaram sobre as políticas públicas em saúde existentes no município. Algumas pessoas conseguiram interpor trazendo experiências, dúvidas e questionamentos acerca da saúde da mulher Lourenciana. Surgiram assuntos como: racismo institucional, indústria farmacêutica, corporativismo médico, mulher e o acesso ao trabalho, parto humanizado, saberes tradicionais, entre outros.

A Feira de Economia Solidária foi um momento significativo na programação do evento. Estiverem presente, expondo seus trabalhos as mulheres de diferentes grupos, associações e comunidades de São Lourenço do Sul/RS. O trabalho artesanal aparece como uma importante fonte de renda para muitas e precisa passar pela ideia do preço justo. A feira buscou também valorizar as mulheres do campo: agricultoras, pomeranas, quilombolas e pescadoras, a pensar a importância de seu trabalho. Também buscaram a aproximação da

²³ Foram as coordenadoras do painel: Vanda Erli Santana e Daniela Lessa. Participaram da mesa: Franciane Mourão (presidente associação quilombo Rincão das Almas); Silvia (floricultura Green Rose); Ivone (Floricultura Garden Hause); Mara (Presidente Associação Pescadoras Amigas da Lagoa); Vera (movimento negro/ Associação das Mulheres Negras de São Lourenço do Sul); Tereza (Movimento negro/ Associação das Mulheres Negras de São Lourenço do Sul); Inez (Representante do Caminho pomerano); Rosane (Agente Banco do Povo).

arte, mulheres do campo e docência.²⁴ A Roda de conversa com curta metragem *Cores e Botas*, foi um momento bem significativo, onde quem participou discutiram sobre questões que permeiam a exclusão da mulher negra desde a infância, o público presente em sua maioria foi de mulheres que conversaram acerca de vivências e preconceitos sofridos por mulheres e meninas negras. Foi realizada uma análise do racismo no município, bem como a identificação de estabelecimentos com práticas racistas, resgate de luta contra o racismo, e uma reflexão acerca da contribuição das mulheres negras no movimento negro.



IMAGEM II: Roda de Conversa sobre o Curta Metragem “Cores e Botas”

Além dos painéis, ocorreram oficinas: (1) Oficina de Teatro-TOCO; (2) Oficina das plantas medicinais; (3) Oficina de Turbantes. Na oficina de Teatro debateram opressões cotidianas e buscaram nas cenas desenvolvidas ações para superá-las. Todas as oficinas foram realizadas por mulheres que atuam no teatro, com plantas medicinais e no movimento negro.



Imagem III: Oficina de Turbantes

²⁴ EGGERT, Edla. *Processos Educativos no Fazer Artesanal de mulheres do Rio Grande do Sul*. 1 ed. Santa Cruz do Sul, Edunisc, 2011.; MEIRA, 2012; SILVA, Márcia Alves. *Mulheres Trabalhadoras: olhares sobre fazeres feminismo*. Pelotas: Editora e gráfica Universal – UFPel, 2012.

Nos debates com a comunidade acadêmica e comunidade Lourenciana sobre questões relacionadas à saúde das mulheres, trabalho, violência contra as mulheres, direitos humanos e Educação foi possível perceber uma timidez por parte das mulheres para tratar sobre determinadas questões, bem como para falar, se posicionar e discutir sobre seus direitos. Com a realização do Seminário foi possível pensar a construção de uma rede de enfrentamento contra a violência doméstica e começar uma articulação para envolver mulheres do Município de São Lourenço do Sul, a fim de realizar novas práticas que visem melhores condições de vida, trabalho e renda para elas. Além disso, foi inserida a análise de gênero na Universidade, iniciando um olhar para essa categoria em diferentes trabalhos.

O Seminário contribuiu também na formação do/a estudante e na geração de novos conhecimentos acerca dos estudos de gênero, numa perspectiva feminista, possibilitando a relação entre Universidade e Sociedade, visando estudos que tenham impacto social e se voltem para o conhecimento da vida e história das mulheres, além de implementação de políticas públicas para mulheres do Município de São Lourenço do Sul (nível local).

O evento teve um envolvimento significativo da comunidade, que o mesmo entrou para o calendário fixo de eventos do Campus da Universidade Federal de Rio Grande, localizado em São Lourenço do Sul/RS. Além disso, cabe destacar que o evento impulsionou novas possibilidades de diálogos com as comunidades, bem como um olhar para as questões de gênero no município, abrindo campo para trocas interinstitucionais e realização de estudos e pesquisas na área.

O presente trabalho à luz da educação popular e da Filosofia de Educação Latino-americana, contribuiu na formação de professores críticos e comprometidos com a sociedade que estão inseridos, na perspectiva da educação progressista, que busca a melhoria da condição humana, que valoriza a atitude política, a cidadania e respeite as diferenças. Não há dúvidas que temos muito a aprender com a Educação Popular e os estudos feministas e de gênero nas nossas diferentes áreas de atuação. No que diz respeito à formação de professores/as brasileiros/as temos que olhar para as margens e para os movimentos feministas, pois somente assim e com o diálogo com a Educação popular poderemos contribuir para uma educação libertária para *nosotras*.

Admitida a necessidade de pensar as mulheres de nossos campos e de nossas cidades, a partir dos estudos no campo da educação popular²⁵, coloca-se o problema possível a ser trabalhado em nossos cursos de formação de professores/as: *No diálogo entre Educação Popular e estudos feministas que questões poderíamos problematizar junto com estudantes de cursos de licenciaturas?*

E ainda:

- ✓ De que modo é possível (re)construir uma filosofia de educação pautada no respeito às diferenças, à inclusão da diversidade e valorização das *margens*?
- ✓ Quais as efetivas contribuições da filosofia da educação na elaboração de alternativas para superação dos guetos epistemológicos?
- ✓ Que alternativas estudantes de cursos de Licenciaturas podem traçar para superar a opressão, exclusão e ocultamento de teorias, pensadoras/es e das mulheres?
- ✓ É possível elaborar com estudantes de licenciaturas, participantes dos Grupos de Discussão, um referencial teórico-metodológico que valorize o que se encontra nas margens?
- ✓ De que maneira é possível proporcionar diálogos com as questões éticas, estéticas, políticas e da linguagem, presentes na *práxis* educativa na perspectiva feminista?
- ✓ É possível proporcionar a sistematização teórica de práticas educativas que inclua os excluídos (as) e marginalizados (as) como prática sociopedagógica;
- ✓ Como é possível corroborar a eficácia metodológica dos grupos de discussão feministas na busca de uma prática investigadora participativa e popular no campo educacional e filosófico?

Faz-se necessário consolidar laços já existentes entre grupos de pesquisa voltados para a (re) construção de conceitos, buscando questionar as exclusões e os silenciamentos de mulheres, provocando intervenções sociopedagógicas na perspectiva da educação popular e feminista; ampliando o debate acadêmico sobre e com mulheres.

A publicação dos resultados de pesquisas individuais e coletivas na perspectiva feminista deve aparecer no momento em que vamos conhecendo e socializando teorias feministas nos cursos de licenciaturas. É importante a construção de artigos sobre direitos

²⁵ Educação popular concebida como o grande instrumento de integração nacional, que visa transformar massas em povo e converter “súditos em cidadãos” (SAVIANI, Dermeval. É possível uma história da Educação Latino-Americana? In: SAVIANI, D.; RAMA, G.; WEINBERG, G. *Para uma história da educação Latino-Americana: Polêmicas do nosso tempo*. São Paulo: Autores associados, 1996, p. 1-24., p. 19).

das mulheres e teorias feministas em revistas locais, nacionais e internacionais, sob forma de livros e coletâneas, além de criar grupos de trabalhos e dialogar com a Educação e outras áreas de conhecimento. |

Considerações Finais

| A importância da educação está na reconstrução da cultura do oprimido, particularmente através da valorização conhecimento popular. A problematização e o exercício de pensar criticamente, bem como a interpretação do cotidiano, numa perspectiva feminista fazem parte da *práxis* educativa, que tem nas suas bases epistemológicas a educação popular. A Filosofia numa perspectiva latino-americana, bem como a educação deve-se tornar “*práxis política*”. Trata-se de um instrumento de luta contra-hegemônico, fundamentado na “Filosofia da *práxis*”²⁶, contida em Marx e na “unidade na diversidade” presente em Freire, que visa fundamentar práticas coletivas, pois educação e política andam juntas.

Em todos os contextos a relação entre sujeito e objeto de conhecimento não são relações fáceis, por isso é necessário refletir diariamente sobre qual educação trabalhamos? Qual escola e educando/a queremos? Qual professor e professora podem atuar com um determinado grupo de educandos/as? O que é importante ser investigado, pensado e problematizado com eles/as?

A “Pedagogia da autonomia” é o caminho para que a prática docente estimuladora ocorra, e na perspectiva de emancipação dos povos e de garantia de direitos. Essa pedagogia como prática de liberdade impulsiona que conhecimento e as práticas de sujeitos que estejam nas margens sejam valorizados.

Ao pensar as epistemologias²⁷ que fundamentam a prática docente no contexto da educação pautada na educação popular não se pode deixar de levar em conta que há intencionalidade de caráter político nas escolhas epistemológicas que fundamentam a nossa prática docente. E, se falamos de um povo oprimido, que caminha em busca de melhores condições sociais, essas epistemologias devem no mínimo impulsionar para uma prática docente que visa à emancipação do povo, dos/as “esfarrapados/as do mundo”, “condenados

²⁶ Sobre “*práxis*” ver: ROSSATO, Ricardo. *Práxis*. In: STRECK, Danilo R.; REDIN, Euclides; ZITKOSKI, Jaime José (Orgs.). *Dicionário Paulo Freire*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008.

²⁷ Ver: PAVIANI, Jayme. *Problemas de Filosofia da Educação: Cultural, Político ético na escola, Pedagógico, epistemológico no ensino*. Petrópolis: Vozes, 1988.

da terra²⁸” (indígenas, povos da floresta, quilombolas, sem terra, negros/as, mulheres, ribeirinhos/as...). Trata-se de epistemologias que não devem servir a um projeto de sociedade capitalista e hegemônico, visto que leva em conta o que está nas margens.

Não houve no Brasil um vazio pedagógico, sempre se educou com princípios bem definidos e com a clareza de que sujeito buscava-se construir. Nesse sentido o processo de colonização epistemológica foi cruel e apenas a visão eurocêntrica de mundo poderia assim fazer muitos acreditarem em tanta barbárie. Uma educação pautada em um “paradigma emergente”, que visa “um conhecimento prudente para uma vida decente”, como nos aponta Boaventura de Souza Santos pode ser construída em diálogo com a educação popular e a Filosofia da Educação Latino-americana. Um conhecimento com utopia, que estimula indivíduos e grupos e movimenta massas em uma mesma direção. Contudo, só há como lutar por direitos das mulheres se nossas concepções educativas (formais e não formais) forem de cunho feminista e emancipatório, capazes de resistir a tanta opressão e violências. Dessa maneira, nossas práticas educativas precisam estar encharcadas de subversão, caso contrário, não irão romper com tudo aquilo que nos amarra e nos acorrenta!

Referências

Livros:

BRANDÃO, Carlos Rodrigues; STRECK, Danilo R. *Pesquisa Participante: o saber da partilha*. Aparecida: Ideias e Letras, 2006.

_____. *A pergunta a várias mãos – A experiência da pesquisa no trabalho do educador. Saber com o Outro*. São Paulo: Editora Cortez, 2003.

_____. (Org.). *Pesquisa participante*. São Paulo: Brasiliense, 1981.

EGGERT, Edla. *Processos Educativos no Fazer Artesanal de mulheres do Rio Grande do Sul*. 1 ed. Santa Cruz do Sul, Edunisc, 2011.

FANON, Frantz. *Os condenados da Terra*. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1968.

FERREIRA, Maria Luísa Ribeiro (Org.). *Pensar no Feminino*. Lisboa: Edições Colibri, 2001.

_____. *O que os Filósofos pensam das mulheres*. Lisboa: Edições Colibri, 1998.

²⁸ Ver: FANON, Frantz. *Os condenados da Terra*. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1968.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa*. 25 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

_____. *Pedagogia do oprimido*. 13 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

_____. *A Educação na cidade*. São Paulo: Cortez, 2006.

GALEANO, Eduardo. *As veias abertas da América Latina*. São Paulo: Paz e Terra, 1979.

GAMBOA, Silvio Sánchez. *Pesquisa em Educação: métodos e epistemologias*. Chapecó: Argos, 2008.

HABERMAS, J. *Conhecimento e Interesse*. Rio de Janeiro: ZAHAR, 1982.

JOSSO, Marie-Christine. *Experiências de vida e formação*. São Paulo: Cortez, 2004.

PAVIANI, Jayme. *Problemas de Filosofia da Educação: Cultural, Político ético na escola, Pedagógico, epistemológico no ensino*. Petrópolis: Vozes, 1988.

SACRISTAN, Gimeno J. *O Currículo: Uma reflexão sobre a prática*. 3 ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 2000.

SILVA, Márcia Alves. *Mulheres Trabalhadoras: olhares sobre fazeres feminismo*. Pelotas: Editora e gráfica Universal – UFPel, 2012.

SILVA, Tomaz Tadeu. *Documentos de identidade: Uma introdução às teorias do currículo*. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

TEIXEIRA, Anísio. *Educação Progressiva: Uma introdução à Filosofia da Educação*. São Paulo: Ed. Nacional, 1954.

ZEA, Leopoldo. *A Filosofia Americana como filosofia*. Tradução de Werner Altmann. São Paulo: Pensieri Consultoria e Edições, 1994.

ZIMMERMANN, Roque. *América Latina e o não ser: Uma abordagem filosófica a partir de Enrique Dussel (1962-1976)*. São Paulo: 1986.

Capítulos de Livros:

ANAYA, Mario Magallón. *Filosofía de la educación latinoamericana*. In: LÓPEZ, H. G. A. (Org.). *Filosofía de la Educación Hacia una Pedagogía para América Latina*. México: Universidad Nacional Autónoma de México, 1993, p. 75-84.

ANDREOLA, Balduino Antonio. *Interdisciplinaridade na obra de Freire: Uma pedagogia da simbiogênese e da solidariedade*. In: STRECK et al (Orgs.). *Paulo Freire: ética, utopia e educação*. Rio de Janeiro: Vozes, 1999.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *Círculos de Cultura*. In: STRECK, Danilo R.; REDIN,

Euclides; ZITKOSKI, Jaime José. *Dicionário Paulo Freire*. Belo Horizonte: Autêntica, 2008. p. 76-78.

GAMBOA, Silvio Sánchez. A dialética na Pesquisa em Educação: elementos de contexto. In: FAZENDA, I. (Org.). *Metodologia da Pesquisa Educacional*. São Paulo: Cortez, 1989.

GHIGGI, Gomercindo. A cultura da investigação científica: dos modelos dogmáticos à importância política e epistemológica da proposta dialógica de Paulo Freire. In: ANDREOLA, B. A. et al. *Educação, Cultura e Resistência: Uma abordagem terceiro-mundista*. Santa Maria: Ed. Pallotti/ITEPA/EST, 2002, p. 13-41.

GULDBERG, H. C. Filosofía latinoamericana de la educación. In: LÓPEZ, H. G. A. (Org.). *Filosofía de la Educación Hacia una Pedagogía para América Latina*. México: Universidad Nacional Autónoma de México, 1993, p. 29-44.

MOREIRA, Carlos Eduardo. Emancipação. In: STRECK, Danilo R.; REDIN, Euclides; ZITKOSKI, Jaime José. *Dicionário Paulo Freire*. Belo Horizonte: Autêntica, 2008. p. 163-164.

ROSSATO, Ricardo. Práxis. In: STRECK, Danilo R.; REDIN, Euclides; ZITKOSKI, Jaime José (Orgs.). *Dicionário Paulo Freire*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008.

SAVIANI, Dermeval. É possível uma história da Educação Latino-Americana? In: SAVIANI, D.; RAMA, G.; WEINBERG, G. *Para uma história da educação Latino-Americana: Polêmicas do nosso tempo*. São Paulo: Autores associados, 1996, p. 1-24.

Tese

GAMBOA, Silvio Sánchez. *Epistemologia da pesquisa em educação*. Tese (Doutorado em Educação). Campinas: Unicamp, 1987.

Artigos em Periódicos

JOSSO, Marie-Christine. As figuras de ligação nos relatos de formação: ligações formadoras, deformadoras e transformadoras. In: *Educação e Pesquisa*, vol. 32, no. 2, p. 373-383, 2006.

STRECK, Danilo R. Entre emancipação e regulação: (des) encontros entre educação popular e movimentos sociais. In: *Revista Brasileira de Educação*. vol. 15, no. 44. Rio de Janeiro: Autores associados. ANPED, 2010. p. 300-310.

Sites de internet

BRASIL. *Leis de Diretrizes e Bases da Educação*. Ministério da Educação: Brasília, 1996. Disponível em: < <http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/ldb.pdf> >. Acesso em: 13 mai. 2015. |